

## 13º CAPÍTULO

### UMA VIDA QUE PASSA UMA OBRA QUE FICA

Em 1981, com a autoridade que lhe davam, os mais de 60 anos de actividade quer na comercialização, quer na indústria conserveira, Jacinto Ferreira, sentiu que tinha obrigação de lembrar, os pontos mais importantes da sua vida de empresário e do papel activo que desempenhou em certos momentos, para simplificar burocracias obsoletas.

Aproveita ainda, para fazer uma síntese dos princípios da indústria conserveira de Olhão e indica as firmas que organizou no decorrer da sua vida. Deu a este relatório, que vamos transcrever o titulo:

#### “PARA QUE OS MAIS VELHOS SE RECORDEM E PARA QUE OS MAIS NOVOS FIQUEM A SABER”

“Para que a juventude fique a saber, que eu algo fiz pela indústria de conservas de peixe, nesta vila, vou transcrever, a seguir, (pensado que foi duas vezes se devia ou não dar à estampa um documento oficial deste cariz) um relatório que se refere aos princípios da aludida indústria em Olhão.

Não o faço por vaidade, faço-o por um dever de consciência, e pela certeza que tenho de haver contribuído, para o progresso da indústria em Olhão e não só. Ele, o relatório aqui fica, juntando mais estas palavras : A indústria de conservas de peixe, sempre viveu a balões de oxigénio. E por culpa de quem? Dos industriais? Não!!!

“Para fazer um relatório demonstrativo, teremos que recuar no tempo, ou seja, fazer pelo menos uma pequena alusão, sobre os primórdios da esforçada indústria conserveira de Olhão. Tradicionalmente expeditos, e ignorando as mínimas exigências duma estrutura, conveniente, lançaram-se os portugueses nessa tão florescente quão necessária indústria, instalando-se modestamente em armazéns improvisados e geralmente de pequenas dimensões, onde implantaram pequenas e médias unidades, sem qualquer maquinaria.

As latas cheias de peixe, e com os molhos usuais daquele tempo (azeite e óleo de amendoim) eram fechadas por meio de soldadura efectuada por profissionais da especialidade. Classe privilegiada - os soldadores -, que provocavam greves constantes, particularmente porque trabalhavam em re-

gime de empreitada e se aproveitavam em especial das ocasiões, em que os industriais “metiam” mais peixe.

Assim, pode dizer-se que ganhavam o dinheiro que queriam, e tiravam partido daquela situação, para paralizarem em altura crítica o seu trabalho indispensável e insubstituível, só retomando normalmente depois de satisfeitas as suas condições, quase impraticáveis.”

Com três fábricas - essas já grandes - um industrial de Portimão, importa as primeiras cravadeiras, accionadas por motores eléctricos e, a partir daí, pode dizer-se que a classe soldadora, tinha os seus dias contados. Com efeito, dois anos depois, todas as fábricas do País se encontravam equipadas com as mais modernas cravadeiras e, naturalmente, um operário soldador é coisa que hoje, já não se conhece.

O Dr. Teotónio Pereira, organizou o Consórcio da Indústria de Conservas, que o ministro do governo de Salazar, manda substituir pouco tempo depois, pelo Instituto Português de Conservas de Peixe, com sede em Lisboa. A pequena indústria, tinha que suportar os encargos deste inútil organismo, com os seus 200 funcionários ali, e em delegações em todos os centros fabris. Protecção à indústria - Nula!

O regulamento do Instituto Português de Conservas de Peixe, não permitia que as fábricas adquirissem sardinha, em portos de pesca, para além de 70 quilómetros - Portimão - Vila Real de Santo António. O seu presidente de então, comandante Duarte Silva, era o único que alguma competência tinha sobre a indústria.

Quando a pesca faltava em Olhão, (já com 50 fabriquetas) os industriais mais importantes deslocavam-se para o grande centro que ainda é Matosinhos, onde arrendavam fábricas e ali trabalhavam até ao fim do ano.

O “Fundador”, (chamemos-lhe assim) desta firma, encontrava-se na Lota Industrial de Lisboa, onde várias traineiras de Peniche, chegavam carregadas com as preciosas sardinhas, vivinhas do lance do dia, e iam para as fábricas de farinha.

Dirigiu-se ele ao edifício do Instituto Português de Conservas de Peixe, fala com o director e consegue autorização, para enviar para uma fábrica de Olhão, dois camiões com 600 caixas de sardinhas, conservadas pelo gelo, com a condição de as mesmas serem fiscalizadas à porta da fábrica a que se destinavam. Esse pescado teria que dar um fabrico “Bom Corrente”, o máximo

que é exigido, de contrário, iria para a farinha de peixe.

“O regulamento, foi imediatamente alterado para 300 quilómetros, e assim se regista o primeiro sucesso na indústria de conservas. Encontrando-se ele, tempos depois no grande porto de pesca de Matosinhos, verificou que, numa extraordinária abundância de pesca, 60% ia para a farinhação. Seguiu para a delegação do Instituto Português de Conservas de Peixe, de onde telefonam para a sede em Lisboa e daqui é autorizado o envio de três camiões, com 900 caixas de sardinhas, no mesmo processo de conservação e em condições idênticas de fiscalização.

O regulamento do Instituto Português de Conservas de Peixe, sofre assim nova alteração - Agora para 800 Quilómetros - terminando assim tão grave problema para a indústria conserveira em Portugal. Deste modo, quando falta peixe no Algarve, vem de outros portos e quando a escassez se regista no Norte, vai do Algarve, em carros velozes, para os centros onde necessitam e assegura-se o abastecimento durante todo o ano.”

Em 1939, o “Fundador” contribui como sócio para a organização da “Companhia Portuguesa de Congelação,” com fábricas em Olhão, Lisboa e Peniche e assume a sua gerência.

Em 1942, com Manuel Ladeira e Manuel Nunes Baptista, funda a “Transportadora do Sul, Lda. “ com camiões de grande tonelagem para o transporte de peixe e outros.

Em 1944, organiza a firma “ António Jacinto Ferreira, Lda.” com salga e filetagem de anchovas.(400 operários de ambos os sexos)

Em 1946, constitui a empresa “Ferreira, Bom & Martins, Lda.” uma grande fábrica de gelo.

Em 1950, colabora na constituição da firma dos filhos, “Ferreira Júnior & Irmãos, Lda.” Sendo sócios: António Jacinto Ferreira Júnior, Ermelinda de Jesus Martins Ferreira, e os menores: Humberto Jacinto Ferreira e Jorge Jacinto Ferreira, (300 operários de ambos os sexos)

Em 1954, adquire a “Conserveira do Sul, Lda.” inicialmente com 400 operários e 600 no ano seguinte, batendo o recorde de produção de todos os tempos, com 70.000 caixas de 100 x 1/4 Club M/M nos vários molhos.

Em 1969, já com 66 anos, organiza em Ayamonte a firma “Compañia

Hispano-Portuguesa de conservas, S.R.L.” para salga e filetes de anchovas, onde ocupa 500 operários, assegurando uma produção, diária de 1.000 Caixas de anchovas, tudo destinado à exportação.

Foi tudo quanto fez numa vida inteira o “Fundador”.<sup>(162)</sup>

Embora nesta nota, não fale no assunto, tomamos a liberdade de recordar, que foi ele o primeiro que em Portugal, após sucessivas tentativas falhadas de outros industriais, a descobrir o processo de congelação da sardinha. Essa novidade, permitiu que esse peixe se conservasse em perfeitas condições durante vários dias. Esta descoberta permitiu o abastecimento, de peixe fresco a todas as zonas do país, em especial às terras do interior, e aos mais recônditos mercados nortenhos.

O aumento das vendas, fez surgir empresas de camionagem, para o transporte do peixe, criando novos postos de trabalho, umas em Olhão, outras em vários pontos de Portugal.

Este novo processo de congelação, teve reflexos na economia de Olhão e do País, pois outros centros pesqueiros começaram a usá-lo e as vendas subiram.

Jacinto Ferreira, sofreu com o estado de anarquia social e política dos anos de 1974/1975. Homem fiel nas suas amizades, amargurou-o sobretudo a ingratidão de algumas criaturas, que ele sempre considerou e que julgava amigas. A fadiga, a inveja e a injustiça, associadas ao extremo desgaste que vinha a sofrer, motivado pelos problemas financeiros da empresa, agravaram ainda mais a sua já precária saúde.

Apesar de tudo, quase todos os dias visitava a sua fábrica, era-lhe agradável viver todo aquele movimento. Depois ia conversar com os amigos e quando podia, ia-se entreter um pouco com os netos.

O tempo ia passando, as forças diminuía, tinha 87 anos. No dia 21 de Janeiro de 1990, um domingo, atravessou a Avenida da República para ir visitar o seu filho Jorge Ferreira. Entrando nesta casa, sentou-se para conversar, quando um traçoeiro enfarte do miocárdio o derrubou, eram duas horas e meia da tarde.

Assim morreu este homem, que ao longo de muitas décadas, mercê de

---

(162) António Jacinto Ferreira - “Para Que os Mais Velhos se Recordem e Para que os mais novos Fiquem a Saber.” - In Sp. Olh. 1982 Nº 365

um exaustivo labor, do nada se elevou a uma posição de relevo no foro das relações de amizade, no campo social e empresarial.

O jornal “O Sporting Olhanense”, ao noticiar a sua morte, escrevia: “No campo empresarial, diga-se em abono da mais elementar justiça, alcançou grande notoriedade, como industrial conserveiro e armador da pesca da sardinha.

O seu nome e as suas marcas comerciais, ultrapassaram as nossas fronteiras, para chegarem aos mais afastados lugares do mundo. No campo desportivo, a sua actividade foi igualmente relevante ao serviço do Sporting Clube Olhanense, de quem era associado antigo e prestigiado. Prestou ao longo dos anos, bons serviços, não somente como associado, mas também, e sobretudo, na sua qualidade de dirigente, que o foi bastas vezes, e sempre evidenciando o mais alto sentido clubista, muito especialmente nas funções de Presidente do Conselho Geral, em cujo órgão, realizou um trabalho de grande destaque.

O testemunho da sua vida, o exemplo do seu procedimento, a franqueza das suas atitudes a verticalidade de posições assumidas, são uma herança legada aos olhanenses das actuais gerações.

Eram qualidades essas, que simbolizavam autêntico orgulho, para quantos com ele privavam.”<sup>(163)</sup>

A morte deste homem, causou uma profunda consternação em Olhão, e deixou um rasto de simpatia e saudade. No exercício da sua profissão, soube honrar os valores, a que sempre tinha sido fiel. A seriedade nos negócios, o trabalho aturado, o culto da amizade, e uma exemplar atitude perante os reveses da fortuna, eram virtudes que todos lhe reconheciam.

Muitas vezes teve que dizer, Não. Mas sempre o procurou fazer, sem fechar portas, nem ferir ninguém, quando por vezes se via colocado entre o dever e a amizade, e não queria ferir um desses princípios, pedia escusa e retirava-se. Fiel ás suas normas, não hesitava em pedir a demissão dos cargos que exercia. Não queria pactuar, com situações dúbias, que podiam acobertar disfarçadas concessões.

Deixou uma lição, que a todos pode aproveitar. O trabalho foi para ele, um penhor de esperança e constituía uma alegria, Desde o tempo em que ainda

---

(163) Herculano Valente - “António Jacinto Ferreira, Um dos mais Antigos e Prestigiados Associados e Dirigente, deixou o nosso Convívio” - In Sp. Olh. 1990 Nº 533

era miúdo, e vendia no mercado de Beja, percebeu que tudo tem o seu preço, e que é preciso batalhar para o conseguir.

Fez do trabalho a sua arma. Assim o compreendeu este jovem, que sempre lutou na vida, com perseverança. Esta pertinácia, frutificou em realizações, criou centenas de empregos, modernizou uma indústria, e ainda teve tempo para ser um apaixonado olhanense.

É oportuno lembrar aqui, a parábola dos talentos. Jacinto Ferreira, não procedeu como milhares de homens e mulheres, que recebem um talento, isto é o dom da capacidade de trabalho e energia, mas preguiçosos e amedrontados pelas dificuldades, nada fazem para o fazer render, e acabam por enterrar esse capital que se torna improdutivo para a sociedade.

Jacinto Ferreira, recebeu os talentos que Deus lhe deu e fê-los render ao máximo. Toda a sua vida foi ocupada em multiplicar esses talentos, com coragem e determinação.

Tudo isto se pode melhor compreender, quando ao entrar na nova fábrica, inaugurada em 1996, 42 anos depois de ter comprado a “Fábrica Velha”, damos de frente com um painel de azulejo onde podemos ler:

ESTA FÁBRICA É O  
FRUTO DE UMA VIDA  
INTEIRA DEDICADA  
AO TRABALHO

Estas singelas palavras, são uma comovida homenagem de reconhecimento, dos filhos e netos ao fundador.

Elas na sua simplicidade, explicam toda a vida de António Jacinto Ferreira. Além disso, exprimem a confiança, na continuação da sua obra, agora nesta nova unidade, equipada com a mais moderna maquinaria.

Mas para além de tudo, esta fábrica, significa um acto de gratidão, por aquele que entregou toda a sua vida, à realização de um sonho. A construção de uma unidade conserveira, dotada de todos os requisitos modernos. Ela aí está. A nova “Conserveira do Sul.” em homenagem ao Homem, que lutou toda a sua existência por ela.



BUSTO DO IMPULSIONADOR DA CONSERVEIRA DO SUL, Ld<sup>a</sup>  
HOMENAGEM DOS FILHOS E NETOS.



A NOVA CONSERVEIRA DO SUL, NA ZONA INDUSTRIAL, 122  
(CONSTRUIDA EM 1996).



EM OUTRO ANGULO DA CONSERVEIRA DO SUL NA ZONA INDUSTRIAL, 122



SALA DE REUNIÕES COM O RETRATO DO FUNDADOR QUANDO NOVO



ZONA DAS CÂMARAS FRIGORIFICAS E DE RECEPÇÃO DE PEIXE



SALA DE ENLATAMENTO



ZONA DE COZIMENTO DE PEIXE  
CRAVAÇÃO E LAVAGEM DE LATAS



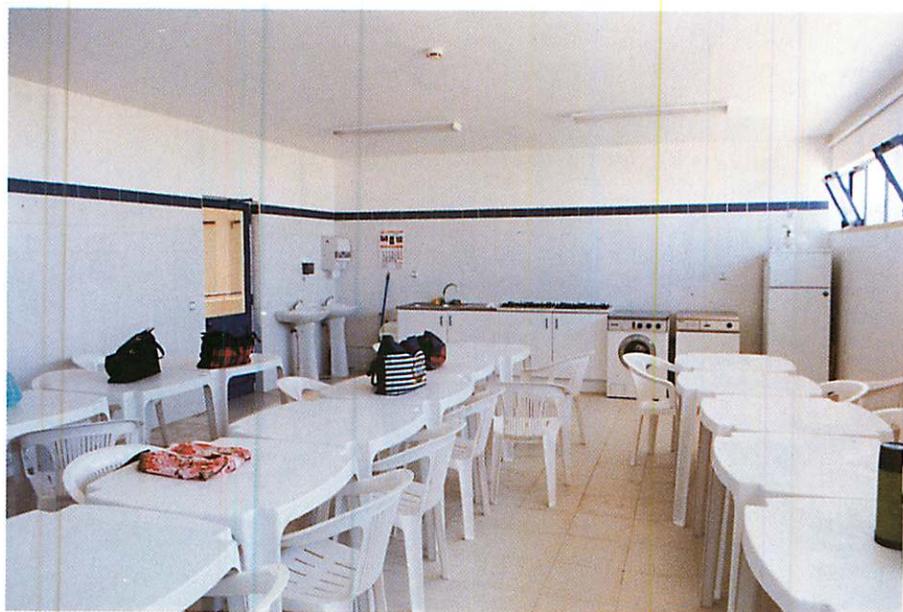
SECÇÃO DE ACABAMENTO



SECÇÃO DE CHEIO



LABORATÓRIO



REFEITÓRIO



ESCRITÓRIO E GABINETES DOS GERENTES